

O FUTEBOL SOB O AUTORITARISMO DITATORIAL

NASS, Daniel Perdigão¹
BENVENUTTI, Felipe Augusto²
FIGUERÔA, Kátiuscia Mello³

RESUMO

Neste trabalho da área de sociologia e política do esporte, objetivamos analisar o desenvolvimento do futebol, em suas variadas dimensões, sob regimes autoritários. Pergunta-se como o futebol, fenômeno que transcende a dimensão esportiva, é impactado em países submetidos a tais regimes. Referenciamos-nos na interdisciplinaridade, com ênfase na Educação Física, na Sociologia e na Ciência Política. Fizemos uso de pesquisa bibliográfica para definir regimes autoritários e, posteriormente, analisar três casos enquadrados nessas situações: a Itália fascista, a Espanha franquista e o Zaire de Mobutu. O caso italiano foi bem-sucedido ao projetar uma imagem vitoriosa do regime no exterior, enquanto aprofundava o nacionalismo internamente. Na Espanha, não é possível afirmar que o fracasso esportivo do Barcelona e o sucesso do Real Madrid tenham atingido o objetivo de sufocar o nacionalismo catalão e projetar uma imagem de união ou de sucesso nacional. Por fim, o caso do Zaire foi um fracasso tão evidente que o regime personalista de Mobutu praticamente acabou com o futebol do país. A diversidade das situações, dos regimes e dos períodos históricos em consideração reforçam a riqueza e a importância deste trabalho, deixando-o aberto à análise de outros casos no futuro.

Palavras-chave: Futebol. Autoritarismo. Análise interdisciplinar.

1. INTRODUÇÃO

Neste trabalho da área de sociologia e política do esporte, buscamos analisar o desenvolvimento do futebol, em suas variadas dimensões, sob regimes autoritários. Há muitos artigos na literatura a evidenciar como a política e a sociedade moldam e são moldadas pelo esporte, especialmente o futebol. No recorte proposto, olharemos como o futebol alterou ou teve alterada a sua trajetória no contexto de regimes políticos não livres.

¹ Aluno do Centro Universitário Internacional UNINTER. Artigo apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso. Bacharelado em Educação Física. RU 1344040.

² Professor Coordenador no Centro Universitário Internacional UNINTER.

³ Professora Orientadora no Centro Universitário Internacional UNINTER.

De certa forma, já é bem conhecida a relação entre esporte e política. Na década de 1930, a Copa da Itália e a Olimpíada de Berlim foram exemplos de cooptação do esporte para servir de propaganda política. Tal fenômeno não parece ter fim, já que a Copa do Mundo de Futebol de 2022 está programada para ocorrer no Qatar, país considerado pelo Ranking de Democracia DeMaX 2019, da alemã Universidade de Würzburg, como um dos dez mais autoritários do mundo (DEMOCRACY MATRIX, 2020).

Nossa pergunta de pesquisa foi saber como o futebol, fenômeno que transcende a dimensão esportiva, se desenrola, na prática, em países submetidos a regimes autoritários. Buscamos fazê-lo à luz da interdisciplinaridade, com ênfase na Educação Física, na Sociologia e na Ciência Política.

Esta pesquisa se justifica dado o papel do futebol para além da sua dimensão esportiva, ou seja, como parte inequívoca da construção de identidades pessoais e coletivas, em áreas como economia e política, em percepção crescentemente consolidada na literatura. Como exemplificado há pouco, tal fenômeno não parece ter qualquer expectativa de cessar. Assim sendo, merece uma análise adequada, interdisciplinar, que contribua para a compreensão do fenômeno na sua trajetória histórica e para a elaboração de perspectivas futuras nesse contexto.

Assim, foi objetivo desta pesquisa analisar o desenvolvimento do futebol sob regimes autoritários, em suas variadas dimensões e de forma interdisciplinar. Para tornar isto possível, pautamo-nos por objetivos parciais, sequenciais, os quais foram: definir regimes autoritários, com base em autores e definições consolidadas na literatura; apresentar casos em que o futebol se relacionou de forma notável ou especial com o regime autoritário vigente, com base em referências bibliográficas ou documentais; analisar os principais aspectos de cada caso, evidenciando as principais características da relação entre o futebol e o poder em casos de regimes autoritários; avaliar se o futebol teve resultado efetivo como um instrumento nas mãos de autocratas e ditadores, fosse para ampliar ou consolidar seu poder interno e externo, ou como ferramenta de *soft power* para abrandar a imagem internacional de regimes autoritários. Também tratamos de outras possibilidades conclusivas que emergiram das coletas e das construções realizadas ao longo da pesquisa.

A metodologia adotada neste estudo foi a pesquisa bibliográfica. Trata-se de técnica que se utiliza de dados e informações de fontes, especialmente escritas, que permitem ao pesquisador colocar-se em contato com tudo o que já se explorou

sobre o mesmo assunto (PRODANOV; FREITAS, 2013). As fontes, portanto, são o suporte dos dados que permitem alcançar o objetivo de pesquisa.

Foram utilizadas fontes escritas, como artigos da literatura. Eles nos servirão como fontes de informação histórica de segunda mão. Em outras palavras, não pretendemos dialogar com as ideias contidas nessas fontes, tampouco refaremos as mesmas análises, mas, geralmente, extrairemos delas os fatos da História que nos conduzirão pelo tema. Neste sentido, há uma aproximação da pesquisa documental, que, eventualmente, pode se basear em fontes de segunda mão, em uma reelaboração de seus objetivos originais (PRODANOV; FREITAS, 2013).

Ainda que possa ser apenas uma técnica auxiliar dentro de um conjunto de processos empregados em um mesmo trabalho, a pesquisa bibliográfica também pode estruturar isoladamente a metodologia de uma pesquisa (BEUREN, 2013), exatamente como se fará no presente estudo.

A escolha desta metodologia se justifica por suas características positivas. A principal dessas vantagens é a de permitir ao pesquisador uma cobertura mais ampla, com mais olhares, informações e apoios, do que se limitasse a pesquisar o fato ou o fenômeno diretamente. Portanto, essa metodologia é bem-vinda quando o objeto de pesquisa já recebeu o olhar de outros pesquisadores, ainda que com outros problemas e perguntas (ZANELLA, 2013).

Além disso, este método ganha relevância quando o problema de pesquisa exige muitos dados, ou dados muito dispersos, como é o caso de estudos históricos. Nosso trabalho, interdisciplinar, foi permeado pela História, de forma que a opção por esta metodologia de pesquisa bibliográfica fez sentido e se justificou. Por fim, a pesquisa bibliográfica é considerada uma excelente opção metodológica quando se procura o cotejamento de dados e informações, na busca de incoerências, contradições, novos olhares ou novas questões de pesquisa. Novamente, isto se verificou no presente trabalho: a busca por um padrão de resultados na intervenção de ditadores no futebol de seus países (ZANELLA, 2013).

2. REFERENCIAL TEÓRICO

Seja a relação de aproximação e abandono da seleção do Zaire (atual República Democrática do Congo) sob o governo ditatorial de Mobutu, de meados da década de 1960 até o fim da Copa do Mundo de 1974, ou a seleção argentina

recebendo a Copa do Mundo de 1978 e tornando-se propagandista da junta militar que se apossou do comando do país, ou os times apoiados pelas forças armadas ou policiais dos estados comunistas da União Soviética e da Europa Central e Oriental, as histórias de líderes autocráticos manipulando times, jogadores e torneios para aumentar sua popularidade ou seus egos são inúmeras (FRANCESCHI, 2005; RUFFATO, 2018).

Que tal relacionamento exista não é surpreendente. Ditaduras e autocracias têm historicamente investido muito em descobrir maneiras de criar um senso de orgulho local ou nacional para mascarar questões de legitimidade, questões que inevitavelmente surgem quando os regimes evitam eleições democráticas e dependem da opressão para estabelecer ou manter autoridade (REIS, 2008).

E talvez não haja melhor símbolo de um regime e da demonstração de poder de uma nação do que sua seleção nacional de futebol ou de seu clube dominante. Afinal, o futebol é global, sendo um dos poucos espaços em que países pequenos como, digamos, a Coreia do Norte, podem medir forças com as grandes potências, em uma competição significativa, com chances de vitória e, especialmente, mostrar os resultados desse confronto, embalados pelo discurso apropriado, que pode ou não ser verdadeiro (COSTA, 2013).

Estrelas de esportes solo, como boxe ou atletismo, podem ganhar admiração e mexer com emoções, mas, na maior parte do mundo, é o futebol que representa bairros, comunidades, vilas e cidades, tornando-o a escolha ideal para conquistar os corações e mentes das massas. Ironicamente, esse também é motivo pelo qual os regimes autoritários devem tomar cuidado, afinal, o apelo popular de massa do futebol encoraja exatamente o temor de governos e líderes autocráticos, que são reuniões públicas apaixonadas e indisciplinadas onde opiniões vociferantes e descontroladas podem ser expressas à vontade. É assim que as mesmas sementes usadas para cultivar um senso de orgulho nacional e legitimidade podem criar as raízes de levantes e gritos por liberdade, no campo, nas arquibancadas e em todo o país.

2.1 Regimes autoritários

Para podermos estudar regimes autoritários, é preciso defini-los inicialmente. Com base em autores e definições consolidadas na literatura, podemos entender o

autoritarismo tanto como um regime político quanto como uma construção ideológica (GOUVEIA, 2017). Assim, dispensamos, para fins deste artigo, o estudo do uso do termo no contexto da psicologia ou, mesmo, do senso comum. Vejamos sua definição em cada um dos dois contextos citados.

Como regime político, o autoritarismo pode ser definido como uma forma de governo que monopoliza a autoridade sobre o Estado sem garantir o pluralismo político ou a defesa das liberdades civis. Conseqüentemente, trata-se de regime que com pouca ou nenhuma prestação de contas à população. A fim de tornar efetivo o exercício do poder sem oposição, os regimes autoritários recorrem a meios ilegais ou ilegítimos, como o uso da força, a imposição da censura ou a difusão do medo (AMARAL, 2014).

Ideologicamente, o autoritarismo surge em direta oposição ao conceito de democracia. Embora a ideia platônica de democracia fosse negativa, hodiernamente este conceito é considerado positivo. Daí, pela oposição, o autoritarismo é, quase sempre, tomado como negativo. Embora regimes autoritários fossem a regra antes da Revolução Francesa e da independência dos Estados Unidos, o autoritarismo não era um conceito que contrastasse ou se opusesse com qualquer outro até, possivelmente, fins do século XIX (CUNHA; LYNCH, 2018). O desenvolvimento da Ciência Política e do conceito de Estado de Direito são, possivelmente, os principais fatores a explicar a popularidade do termo após a Primeira Guerra Mundial (LAFER, 1977).

Regimes autoritários podem assumir várias formas, desde as mais tradicionais, como monarquias e teocracias, até as mais recentes, como ditaduras presidenciais ou de juntas militares. Como tantos outros conceitos das Ciências Sociais, é inadequado pensar em democracia e autoritarismo como um sistema binário. Mais efetivo é pensar regimes autoritários em termos de um contínuo multidimensional, em que o autoritarismo aparece nas eleições, com regimes que dão a ilusão de democracia em eleições multipartidárias, ou na ocupação e no enfraquecimento das instituições de controle e contrapeso ao poder, em fenômeno que vem sendo conhecido como iliberalismo, até chegar ao extremo totalitarismo, em regimes que têm centros monísticos de poder (FAUSTO, 2020).

A complexidade da realidade dos regimes políticos dificulta a determinação de fronteiras claras. Regimes híbridos e zonas políticas cinzentas surgem à medida que os regimes autoritários contemporâneos tentam ganhar legitimidade exibindo, cada

vez mais, uma série de características democráticas (ARCHETTI, 2016). Por esta razão, optamos por apresentar casos em que o regime autoritário é quase unanimemente reconhecido: a Itália fascista, a Espanha franquista e o Zaire de Mobutu.

2.2 Itália: fascismo e futebol

Nossa intenção, a partir deste ponto, é a de apresentar casos de relação notável ou especial com o regime autoritário vigente, com o uso de referências bibliográficas ou documentais. Buscamos, na medida do possível, analisar como estes casos eventualmente guardam relação entre si, evidenciando os principais aspectos a caracterizar a relação entre o futebol e o poder em casos de regimes autoritários.

Um dos primeiros casos de íntima relação do sucesso da seleção nacional com o regime autoritário vigente foi o da Itália fascista, durante as décadas de 1920 e 1930. Benito Mussolini ascendeu a primeiro-ministro da Itália em fins de 1922, e é na mesma época que o futebol começou a ganhar importância em um país essencialmente agrário e que tinha o ciclismo como esporte principal (McCARTHY, 2000).

A Itália assistia a uma rápida urbanização e, nesse contexto, o futebol ganhava importância. Não somente o futebol, aliás. O pós-Primeira Guerra Mundial levou a uma onda de democratização e de massificação das práticas e dos eventos esportivos, de forma que o futebol cresceu juntamente com outros esportes. O futebol, porém, possivelmente, é o exemplo mais ilustrativo de como essa massificação se deu no contexto nacionalista. Isso começa pelo nome pelo qual o esporte passou a ser conhecido na Itália a partir da década de 1920: *calcio*. Trata-se de uma referência ao *calcio storico fiorentino*, um esporte surgido na região de Florença no século XIII e que guarda mais relações com o rúgbi contemporâneo do que com o futebol. Ou seja, na apropriação dessa prática cultural estrangeira, houve uma tentativa do regime de apagar as suas origens externas (CLEZAR, 2015).

O regime fascista não pôde ignorar a ascensão urbana do futebol. Mesmo que quisesse se opor a ele, o regime seria incapaz de deter o envolvimento cada vez maior dos habitantes de todas as classes sociais das cidades com esse esporte. A rivalidade que ele despertava permitia a reprodução, no esporte, da competição

que havia entre as diversas regiões da península antes da unificação italiana, o *Risorgimento* de meados do século XIX. Em outras palavras, o latente desentendimento entre italianos das diversas regiões ganhou um campo de disputa apaixonada com o futebol. Isto serviria aos objetivos de Mussolini, de aprofundar a união nacional que o fascismo pregava, dando vazão às rivalidades regionais por meio do esporte (MORET, 2019).

Mas a instrumentalização do futebol ocorreu com mais intensidade com a seleção nacional, a *Squadra Azzurra*, especialmente durante a década de 1930 e com o objetivo de mostrar uma faceta vitoriosa do país no exterior. Isto foi possível a partir de uma mudança significativa no futebol italiano ocorrida em 1926, pela chamada *Carta di Viareggio*, efetuada para atender aos interesses fascistas.

A derrota e o esfacelamento do Império Austro-Húngaro na Primeira Guerra acabaram por levar jogadores e outros profissionais do futebol desses territórios aos países vencedores. A Itália foi um desses países. Porém, o discurso nacionalista típico do fascismo contrastava com a presença massiva de estrangeiros no futebol, esporte que crescia rapidamente em popularidade. A decisão foi a de banir a contratação de jogadores estrangeiros e, ao mesmo tempo, permitir a remuneração de jogadores nacionais, mas mantendo-os na condição meramente nominal de não profissionais (LEA, 2015).

A experiência adquirida com os estrangeiros, especialmente pelos treinadores estrangeiros que ainda puderam permanecer na Itália; a crescente profissionalização, ainda que não reconhecida legalmente; e o fechamento das fronteiras a jogadores estrangeiros, incentivando a formação e o treinamento de desportistas locais, acabou por fortalecer o futebol da seleção nacional. A Itália acabaria por sediar e conquistar a Copa do Mundo de 1934, buscando mostrar uma faceta vitoriosa do fascismo. O profissionalismo no futebol, que ocorria *de facto*, mas não *de jure*, permitiu ao país fazer-se representado nas Olimpíadas de Berlim, em 1936, com praticamente a mesma equipe que havia conquistado a Copa do Mundo dois anos antes. O resultado foi a medalha de ouro. Ainda haveria tempo para a conquista italiana da Copa do Mundo de 1938, antes do início da Segunda Guerra Mundial (CLEZAR, 2015).

Há, ainda, um fato adicional nesse contexto. Muitos dos jogadores dos clubes italianos e, conseqüentemente, da *Squadra Azzurra* de meados da década de 1920 ao fim da década de 1930 eram, na verdade, sul-americanos, especialmente

argentinos, brasileiros e uruguaios. Isto explica a razão pela qual os clubes italianos acabaram por aceitar a vedação a estrangeiros: os sul-americanos descendentes de emigrantes, contratados por valores ainda mais baixos que os do Leste europeu, seguiriam podendo atuar nos clubes e, até mesmo, na seleção italiana (NOLASCO, 2013).

A força do futebol sul-americano não era desconhecida. O Uruguai, afinal, conquistou o ouro nas Olimpíadas europeias de Paris, em 1924, e de Amsterdã, em 1928, além de ter sido campeão do mundo em casa, em 1930. A Argentina fora prata em Amsterdã e vice-campeã do mundo em 1930. Mas, para o regime fascista, mais interessava entregar-lhes passaportes italianos, reconhecendo-os e propagandeando-os como repatriados detentores do direito à nacionalidade italiana pelo *jus sanguinis*, ou seja, filhos e netos de nacionais obrigados a migrar pelos regimes pré-fascistas ante a miséria e a desilusão derivada dos governos anteriores (TONINI; GIGLIO, 2019). Portanto, os jogadores sul-americanos acabaram sendo bem aceitos por todos: torcedores e dirigentes esportivos podiam contar com jogadores bons e baratos, e o regime ainda se beneficiava politicamente do “resgate” de italianos de sangue de volta à pátria, agora, supostamente, fortalecida.

Uma análise dessa situação nos permite afirmar que o impacto do crescimento do futebol italiano no período significou mais para uma afirmação do regime fascista no exterior do que internamente. Nenhum italiano, afinal, tornar-se-ia fascista apenas por apreciar as vitórias da *Azzurra* da década de 1930. O próprio Mussolini parecia ter consciência disso, tanto que nunca se interessou muito pelo futebol. Mas a força com que a Itália se mostrava nos campos internacionais, inclusive contratando jogadores sul-americanos muito reputados em seus países de origem e apresentando-os como donos de sangue italiano, moldou uma imagem moderna e vitoriosa do regime fascista no exterior.

2.3 Espanha: futebol pelo apagamento de identidades locais

Quando olhamos para a influência do regime autoritário sobre clubes de futebol, o caso mais conhecido é o da Espanha, possivelmente por estar associado a clubes que possuem grande sucesso e penetração internacional até hoje. A Guerra Civil Espanhola terminou em 1939 com a tomada do poder pelas tropas lideradas pelo general Francisco Franco. “*El Generalísimo*” buscou fortalecer sua

posição centralizadora por meio do apagamento das identidades regionais, como a basca, a catalã e a galega. Outra razão é o fato de que a oposição à centralização do ditador era ainda mais forte nas regiões que mais buscavam autonomia (KLEVER, 2018).

Há diversos fatos inesperados na história do futebol espanhol sem comprovação de que tenham efetiva participação de Franco. Um deles foi a semifinal da *Copa del Generalísimo* (nome da *Copa del Rey* durante a ditadura) de 1943. Barcelona e Real Madrid se enfrentaram em duas partidas. A primeira, vencida pelo campeão do ano anterior, Barcelona, pelo elástico placar de 3x0. A partida de volta, até hoje, representa a maior vitória do Real Madrid sobre o rival catalão: 11x1. Em plena ditadura, ninguém teve a coragem de dizer abertamente ou publicar, mas pessoas próximas ao time relatam ameaças da polícia franquista aos jogadores do Barcelona antes do segundo jogo (FITZGERALD, 2017). Isto não é improvável a um regime que matava opositores. Mesmo que a ordem não tenha partido do próprio Franco, é plausível supor que torcedores madridistas possam ter feito uso da máquina do Estado para constranger os jogadores da equipe catalã.

Franco não era um grande entusiasta do futebol. Mas não lhe passava despercebido o poder catalisador das paixões pelo esporte. Nesse contexto, em 1941, Franco obrigou os clubes espanhóis a adotar nomes em castelhano. Assim, o Athletic Club, da cidade basca de Bilbao, teve de adotar o nome Atlético de Bilbao. Para o clube azul-grená, *blaugrana*, de Barcelona, a alteração foi mais profunda e dolorosa: além do nome, foi obrigado a trocar a bandeira catalã pela espanhola em seu escudo (KELLY, 2019).

Outra ação de Franco foi a de favorecer a inserção internacional do Real Madrid. Supostamente, o clube da capital representaria melhor, no país e no exterior, a imagem de uma Espanha unificada e harmônica em torno de sua figura do que faria o clube da catalã Barcelona. Dinheiro público investido na construção do estádio madrilenho, possíveis ajudas para tumultuar transferências de jogadores aos rivais e atraí-los ao Madrid, coações a árbitros foram alguns dos métodos franquistas para alterar a dinâmica do futebol espanhol durante o regime (SPORT, 2014).

Na década de 1940 e início da década de 1950, o clube seguiu relativamente bem-sucedido nos campos, tendo vencido cinco vezes a liga nacional, em 1945, 1948, 1949, 1952 e 1953. Porém, a partir daí, período que coincide com o início da

construção do estádio *Camp Nou*, o clube só ganhou a quinta liga nacional na década de 1990, ou seja, nos anos de 1959, 1960, 1974, 1985 e 1991 (FUTEBOL365, 2021). A construção, por sinal, endividou o clube, que só conseguiu vender o terreno do antigo estádio em meados da década de 1960. Porém, os estádios do Barcelona parecem representar mais o nacionalismo catalão do que as conquistas do clube (FIGOLS, 2014).

Assim, ainda que se possa enxergar influências franquistas nas dificuldades enfrentadas pelo clube de futebol mais popular de Barcelona, é preciso reconhecer que outros fatos e escolhas também contribuíram para o fracasso em campo, e que sua resistência ao franquismo se deu por outras vias, que foram além do desempenho esportivo.

2.4 Zaire: país e seu futebol tinham dono

O caso do futebol na atual República Democrática do Congo, ou Congo RDC, de meados da década de 1960 a meados da década de 1970, parece bastante representativo de um controle mais expressivo sobre o futebol como resultado de um autoritarismo ainda mais opressivo. Começou, possivelmente, como extensão de uma ideia de um dos mais importantes pan-africanistas da descolonização, o ganense Kwame Nkrumah, de usar o futebol para fazer emergir sentimentos de orgulho nacional por um novo país (OTOO, 2014).

De fato, parece ter sido após uma derrota da seleção do então Congo-Kinshasa para a seleção ganense em 1966 que o ditador Joseph-Désiré Mobutu decidiu investir em sua seleção nacional, trazendo de volta jogadores que atuavam na Europa (DIETSCHY, 2012). Mobutu dava as cartas no Congo desde logo depois da independência, em 1960. Foi peça-chave para liquidar a liderança democrática do esquerdista Patrice Lumumba. Manteve-se como comandante geral das Forças Armadas até 1965, quando promoveu golpe de Estado clássico e assumiu a presidência (BRITANNICA, 2021).

Mobutu buscou controlar o futebol do Congo como buscava fazer com o país: com mão-de-ferro. Originalmente conhecido como “Leões”, o apelido da equipe nacional foi alterado por Mobutu para “Leopardos”, animal que o ditador admirava tanto que frequentemente usava chapéus feitos de sua pele (KIRBY, 2012). Essa mudança é bastante simbólica da forma como a seleção nacional congoleza se

tornou propriedade do líder do regime: o controle de Mobutu se debruçava até aquilo que muitos acreditariam ser meros detalhes.

O esforço deu resultado: o Congo-Kinshasa venceu a Copa Africana de Nações de 1968, na Etiópia, liderado pelo técnico húngaro Ferenc Csanad (OBSERVATÓRIO, 2017). A base da equipe era a do Englebert, atual Mazembe, da cidade de Lubumbashi, a maior da rica região da Katanga. O Englebert fora campeão da Copa Africana de Clubes Campeões em 1967 e em 1968. Os resultados continentais positivos se seguiram: em 1973, o Vita Club, da capital Kinshasa, seria o campeão africano de clubes (STEIN, 2016).

A essa altura, o regime já havia se consolidado. O nome do país fora alterado para Zaire em 1971 e o do próprio Mobutu também, para, abreviadamente, Mobutu Sese Seko, este em 1972. E a paixão pelo futebol também já havia se consolidado no país, também graças a eventos como a excursão do Santos de Pelé (KIRBY, 2012). O Zaire era a grande força do futebol africano de 1974, tendo vencido a Copa Africana de Nações de 1974, no Egito, e se classificado para a Copa do Mundo do mesmo ano, na Alemanha: o primeiro país subsaariano a garantir tal posição (DIETSCHY, 2012).

Mobutu tinha apoio da comunidade internacional, à exceção dos soviéticos. Até a China era aliada. Nas duas ocasiões em que a Katanga foi invadida, na década de 1970, tropas europeias socorreram Mobutu para repelir os rebeldes (BRITANNICA, 2021). Talvez por isso, as expectativas de Mobutu para o torneio mundial pareciam, desde o início, exageradas. Mobutu chegou a patrocinar a Copa de 1974 comprando placas de publicidade no campo, que diziam, por exemplo, “Go to Zaire” (vá ao Zaire), nas cores nacionais (THE FOOTBALL ATTIC, 2012).

Além disso, diferentemente do que havia ocorrido em 1968, em que Mobutu era a liderança que unia e punha o Congo-Kinshasa em ordem, o que refletiu psicologicamente de forma positiva em campo (DIETSCHY, 2012), em 1974, a ditadura totalitária corrupta de Mobutu no Zaire já era consolidada. Além disso, a premiação referente à conquista da Copa Africana de Nações não havia sido paga aos jogadores (PIMENTEL, 2016).

O resultado do jogo de estreia, derrota por 2 a 0 para a Escócia, não teve nada de anormal. Mas o clima para a partida seguinte, contra a Iugoslávia, já não era o mesmo: já havia o anúncio de que os jogadores não seriam pagos, supostamente porque um dirigente havia roubado o dinheiro (PIMENTEL, 2016;

DUBOIS, 2013). O resultado: 9 a 0 para os iugoslavos, o que, até hoje, é um dos dois placares com maior diferença de gols da história das Copas do Mundo.

O próprio Mobutu se envolveu na questão depois disso: ameaçou os jogadores de não voltarem para casa se o terceiro jogo, contra o Brasil de Rivellino e Jairzinho, resultasse em quatro gols contra o Zaire (DUBOIS, 2013; KIRBY, 2012). O jogo estava em 3 a 0 para o Brasil, parado para uma cobrança de falta pelo Brasil, quando o zagueiro zairense Mwepo Ilunga saiu da barreira após o apito do árbitro para chutar a bola longe (O GLOBO, 2015).

Possivelmente, a atitude de Ilunga, próxima do fim do jogo, tenha garantido que o resultado não se alteraria. Ele, porém, alega que teria cometido a infração em protesto contra Mobutu (KIRBY, 2012). Fato é que o resultado final não significou qualquer tipo de fresco aos jogadores do Zaire. Muito pelo contrário: foram recebidos como párias, além de serem impedidos por Mobutu de atuarem na Europa (PIMENTEL, 2016). Na verdade, foram perseguidos até os estertores do regime, como foi o caso de Ndaye Mulamba, em 1994 (DUBOIS, 2013; PIMENTEL, 2016). Teve mais sorte o técnico Blagoje Vidinić, coincidentemente iugoslavo e, também por isso, usado como bode expiatório: conseguiu retirar sua família de Kinshasa em segurança (DIETSCHY, 2012).

O futebol da República Democrática do Congo só viria a se projetar no exterior novamente após a deposição e a morte de Mobutu, em 1997 (STEIN, 2016), mas, mais especialmente, nos últimos 12 anos. Conquistou duas das seis edições do Campeonato de Nações Africanas (2009 e 2016) e teve dois clubes vitoriosos: o Mazembe, vice-campeão mundial de clubes em 2010 e campeão africano de clubes em 2009, 2010 e 2015, e o Vita Club, vice-campeão africano de clubes em 2014.

O que se observa neste caso do Zaire é que um time que joga por um país cujo líder é um totalitarista corrupto que impõe culto à sua personalidade nem sempre joga por uma meta pessoal ou pelo país. Os conterrâneos podem torcer pela seleção; os jogadores atuam pelo dinheiro: querem seu pagamento para se prestar ao papel de propagandistas do regime. O resultado do jogo entre Iugoslávia e Zaire e as justificativas dadas pelos jogadores em entrevistas mostra isso. A velha ideia do pan-africanista Kwame Nkrumah, de usar o futebol para fazer emergir sentimentos de orgulho pela nascente nação, não poderia dar certo à base de violência e de autoritarismo ditatoriais.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho, foi possível perceber que regimes autoritários frequentemente precisam ou desejam validação internacional e usam o futebol como forma de se impor para além de suas fronteiras. Porém, os fatos podem se desenrolar de forma não planejada. De fato, por mais severo ou poderoso que seja, nenhum regime é capaz de controlar a sociedade civil ou os resultados esportivos completamente.

Buscamos analisar as tensões e as contradições enfrentadas por regimes autoritários por meio da sua forma de atuar no futebol. Mostrar bons resultados ou sediar competições internacionais importantes podem beneficiar os dirigentes, nem que seja por servirem para desviar a atenção dos problemas econômicos, sociais ou políticos do cotidiano. Mas há uma dificuldade intrínseca em controlar os resultados do futebol, ou mesmo as pessoas a tratar de assuntos sérios da política sob o manto do futebol. Tanto que é comum que os estádios costumem servir à ressonância de protestos e de resistências aos regimes autoritários.

Ademais, clubes de futebol podem ser portadores de identidades locais, sociais, religiosas ou políticas. Grupos mais ativos de torcedores têm o hábito de realizar ações coletivas e organizadas de apoio às suas equipes, o que costuma se estender às causas às quais os clubes se vinculam. Por si, isto não é bom, nem ruim. Os apoiadores podem ser contrários ao autoritarismo, mas também podem ser usados pelo regime em prol de sua manutenção. Além disso, frequentemente, torcedores de diferentes clubes são adversários ferozes, cujas rivalidades repletas de ódio impedem qualquer ação conjunta.

O problema de gestão dos resultados e dos torcedores está longe de ser o único problema que os regimes autoritários enfrentam. Por exemplo, o regime fascista teve de gerenciar a questão do profissionalismo de seus melhores jogadores, o que ia contra as propagadas ideias de tratamento igualitário em uma nação unida pelo *Duce*. No Zaire, não foi possível garantir a projeção de uma imagem internacional positiva por jogadores tão duramente explorados e ameaçados, que jogavam pelo ditador, não pelo país.

Assim, pôde-se perceber o papel do futebol em alguns contextos ditatoriais, acomodando-se ou curvando-se à política, com impactos sociais e psicológicos,

fosse para ampliar ou consolidar o poder interna e externamente, fosse como ferramenta de *soft power* internacional.

Os casos estudados neste trabalho mostram a estreita relação entre futebol e política. Contudo, isto não é uma regra, já que o futebol não desempenha o mesmo papel social o tempo todo, nem da mesma forma em cada lugar. Da mesma forma, a política é diferente, com diferentes tipos de poderes autoritários. A diversidade das situações, dos regimes e dos períodos históricos em consideração reforçam a riqueza e a importância deste trabalho, deixando-o aberto à análise de outros casos no futuro.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Murilo Naves. **O direito à verdade versus o esquecimento**: o julgamento da Arguição de Descumprimento de Preceito Fundamental nº 153 à luz das dimensões políticas da justiça de transição e dos direitos e garantias fundamentais da Constituição Federal de 1988. 2014. 187 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais Aplicadas) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/13217>. Acesso em: 23 jan. 2021.

ARCHETTI, Fernando Belmonte. Regimes autoritários e regimes híbridos: velhos fenômenos, novas dinâmicas. **Revista de Ciências do Estado**, v.1, n.2, p.15-26, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/revce/article/view/5006>. Acesso em: 23 jan. 2021.

BEUREN, Ilse Maria. Trajetória da construção de um trabalho monográfico em contabilidade. In: BEUREN, Ilse Maria (Org.). **Como elaborar trabalhos monográficos em contabilidade**: teoria e prática. 3.ed. São Paulo: Atlas, 2013.

BRITANNICA (Encyclopaedia). **Democratic Republic of the Congo**: history. 2021. Disponível em: <https://www.britannica.com/place/Democratic-Republic-of-the-Congo>. Acesso em: 23 jan. 2021.

CLEZAR, Mateus de Souza. **Futebol e fascismo**: como o fascismo italiano se manifestou no *calcio*. 2015. Monografia (Licenciatura em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/132868>. Acesso em 23 jan. 2021.

COSTA, Luan Vitor Miranda da. **O uso das autoimagens para se tornar a Meca dos esportes**: o Qatar e a Copa do Mundo Fifa 2022. 2013. Monografia (Graduação em Relações Internacionais) – Instituto de Relações Internacionais, Universidade de Brasília, Brasília. Disponível em: <https://bdm.unb.br/handle/10483/6044>. Acesso em: 19 jan. 2021.

CUNHA, Diogo; LYNCH, Christian. Apresentação. **Política Hoje**, Recife, v.27, ed.especial, p.4-8, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/politicahoje/article/download/236437/29090>. Acesso em: 23 jan. 2021.

DEMOCRACY MATRIX. **DeMaX Report 2019**. 2020. Disponível em https://www.democracymatrix.com/fileadmin/Mediapool/PDFs/Report/DeMaX_Report_2019_Growing_Hybridity.pdf. Acesso em 19 set. 2020.

DIETSCHY, Paul. Football imagery and colonial legacy: Zaire's disastrous campaign during the 1974 World Cup. **Soccer & Society**, v.13, n.2, p.222-238, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/14660970.2012.640503>. Acesso em: 23 jan. 2021.

DUBOIS, Laurent. Former Zaire/Democratic Republic of the Congo. **Soccer Politics**, 2013. Disponível em: <https://sites.duke.edu/wcwp/research-projects/africa/the-politics-of-african-soccer/zaire>. Acesso em: 23 jan. 2021.

FAUSTO, Ruy. Revolução conservadora e neoliberalismo, parte 2. **Revista Rosa**, n.2, série 3, dez.2020. Disponível em: <http://revistarosa.com/2/revolucao-conservadora-e-neoliberalismo-2>. Acesso em: 23 jan. 2021.

FIGOLS, Victor de Leonardo. O estádio como espaço de afirmação do nacionalismo catalão. **Projeto História**, São Paulo, n. 49, p. 347-379, abr.2014. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/19897>. Acesso em: 23 jan. 2021.

FITZGERALD, Nick. The story of Real Madrid and the Franco regime. **TheseFootballTimes**, 27 set.2017. Disponível em: <https://thesefootballtimes.co/2017/09/27/real-madrid-and-the-franco-regime>. Acesso em 23 jan. 2021.

FRANCESCHI Neto, Virgílio. **O papel do futebol na promoção dos regimes militares do Brasil e da Argentina**. 200[5]. Monografia (Graduação em Relações Internacionais) – Departamento de Relações Internacionais, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte. Disponível em: https://www.ludopedio.com.br/v2/content/uploads/161409_Futebol%20e%20os%20regimes%20militares%20do%20Brasil%20e%20Argentina.pdf. Acesso em: 19 set. 2020.

FUTEBOL365. La Liga. Lista de vencedores. **Futebol365.pt**, 2021. Disponível em: <https://www.futebol365.pt/competicao/372/vencedores>. Acesso em: 23 jan. 2021.

GOUVEIA Filho, Eduardo Correia. **As manchas autoritárias do processo penal brasileiro: quem (bar)ganha com o engodo inquisitório?** 2017. Dissertação (Mestrado em Direito) – Instituto de Ciências Jurídicas, Universidade Federal do Pará, Belém. Disponível em: http://repositorio.ufpa.br/jspui/bitstream/2011/9785/1/Dissertacao_ManchasAutoritari asProcesso.pdf. Acesso em: 23 jan. 2021.

KELLY, Ryan. General Franco, Real Madrid & the king: The history behind club's link to Spain's establishment. **Goal.com**, 1 mar.2019. Disponível em: <https://www.goal.com/en-us/news/general-franco-real-madrid-king-history-behind-clubs-link/fcoqldp8h2bb1841o2rspmuhe>. Acesso em: 23 jan. 2021.

KIRBY, Rob. Dictators and soccer: Mobutu Sésé Seko of Zaïre. **CultFootball.com**, 29 out.2012. Disponível em: <http://cultfootball.com/2012/10/dictators-and-soccer-mobutu-sese-seko-of-zaire>. Acesso em: 23 jan. 2021.

KLEVER, Lucas de Oliveira. A recuperação do catalanismo durante a ditadura franquista (1945-1960). **Revista Cantareira**, n.29, p.230-248, 2018. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/cantareira/article/view/30781>. Acesso em: 23 jan. 2021.

LAFER, Celso. Estado totalitário e estado autoritário. **Revista de Ciência Política**, Rio de Janeiro, v.20, n.1, p.85-117, jan./mar.1977. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/rcp/article/download/59728/58071/126415>. Acesso em: 23 jan. 2021.

LEA, Greg. The relationship between Mussolini and *calcio*. **TheseFootballTimes**, 20 jul.2015. Disponível em: <https://thesefootballtimes.co/2015/07/20/the-relationship-between-mussolini-and-calcio>. Acesso em: 23 jan. 2021.

McCARTHY, Patrick. Sport and society in Italy today. **Journal of Modern Italian Studies**, v.5, n.3, p.322-326, 2000. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/1354571X.2000.9728257>. Acesso em: 23 jan. 2021.

MORET, Murillo. A Azzurra em camisas negras: como o fascismo influencia o futebol italiano há um século. **Calciopédia**, abr.2019. Disponível em: <https://calciopedia.com.br/2019/04/fascismo-futebol-italiano.html>. Acesso em 23 jan. 2021.

NOLASCO, Carlos Manuel Simões. **Fintar fronteiras**: migrações internacionais no futebol português. 2013. Tese (Doutoramento em Sociologia) – Faculdade de Economia, Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10316/23782>. Acesso em: 23 jan. 2021.

OBSERVATÓRIO. Copa Africana de Nações: história e política. **Observatório da Discriminação Racial no Futebol**, 17 jan.2017. Disponível em: <https://observatorioracialfutebol.com.br/copa-africana-de-nacoes-historia-e-politica>. Acesso em: 23 jan. 2021.

O GLOBO. Mwepu Ilunga, personagem insólito da Copa de 1974, morre aos 66 anos. **O Globo**, 8 maio 2015. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/esportes/mwepu-ilunga-personagem-insolitado-copa-de-1974-morre-aos-66-anos-16102164>. Acesso em: 23 jan. 2021.

OTOO, Samuel Eson. **Football and Nation-Building in Ghana under Kwame Nkrumah, 1951-1966**. 2014. Tese (Mestrado em História) – Department of History, University of Ghana, Accra, Ghana. Disponível em: <http://ugspace.ug.edu.gh/handle/123456789/7424>. Acesso em: 23 jan. 2021.

PIMENTEL, Tiago. O homem que teve um minuto de silêncio quando ainda estava vivo. **Público**, 2 jan.2016. Disponível em: <https://www.publico.pt/2016/01/02/desporto/noticia/o-homem-que-teve-um-minuto-de-silencio-quando-ainda-estava-vivo-1718923>. Acesso em: 23 jan. 2021.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. Pesquisa Científica. In: PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico**: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2.ed. Novo Hamburgo, RS: Feevale, 2013. Disponível em: <http://www.feevale.br/Comum/midias/8807f05a-14d0-4d5b-b1ad-1538f3aef538/E-book%20Metodologia%20do%20Trabalho%20Cientifico.pdf>. Acesso em: 19 jan. 2021.

REIS, Fábio Wanderley. Notas sobre nação e nacionalismo. **Estudos Avançados**, São Paulo, v.22, n.62, p.161-169, abr.2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-40142008000100011>. Acesso em: 19 jan. 2021.

RUFFATO, Luiz. Geopolítica da Copa (parte 10): Era protesto, o que parecia ingenuidade. **Chuteira FC**, 23 mar.2018. Disponível em: <https://chuteirafc.cartacapital.com.br/luiz-ruffato-geopolitica-da-copa-parte-10-era-protesto-o-que-parecia-ingenuidade>. Acesso em: 19 jan. 2021.

SPORT. La relación entre el Madrid y el franquismo, al descubierto. **Sport.es**, 17 out.2014. Disponível em: <https://www.sport.es/es/noticias/real-madrid/relacion-entre-madrid-franquismo-descubierto-3609337>. Acesso em: 23 jan. 2021.

STEIN, Leandro. Como o novo-filme da Netflix, Jadotville, te ajuda a entender um pouco do futebol africano. **Trivela**, 19 out.2016. Disponível em: <https://trivela.com.br/africa/como-o-novo-filme-da-netflix-jadotville-te-ajuda-a-entender-um-pouco-do-futebol-africano>. Acesso em 23 jan. 2021.

THE FOOTBALL ATTIC. **The Golden Age of World Cup advertising boards**. 18 set.2012. Disponível em: <http://thefootballattic.blogspot.com/2012/09/the-golden-age-of-world-cup-advertising.html>. Acesso em: 23 jan. 2021.

TONINI, Marcel Diego; GIGLIO, Sérgio Settani. A transferência de jogadores no sistema Fifa e a migração de brasileiros para a Europa (1920-1970). **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v.32, n.68, p.609-632, dez.2019. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/s2178-14942019000300004>. Acesso em: 23 jan. 2021.

ZANELLA, Liane Carly Hermes. **Metodologia de pesquisa**. 2.ed. Florianópolis: Departamento de Ciências da Administração da UFSC, 2013. Disponível em: http://arquivos.eadadm.ufsc.br/EaDADM/UAB_2014_2/Modulo_1/Metodologia/material_didatico/Livro texto Metodologia da Pesquisa.pdf. Acesso em: 9 fev. 2021.